

FORJADO COM SANGUE

A SAGA DE UM CAVALEIRO

W.SANTOS

SANTOS, Wesley

Forjado com sangue: a saga de um
cavaleiro. Wesley da Silva Santos. – Palmas:
SANTOS, 2024.

14x21 cm.

Literatura brasileira. Romance medieval

Forjado com sangue

A saga de um cavaleiro

Wesley Santos

1ª Edição

APRESENTAÇÃO

Em um reino onde o fogo da forja e o clangor das espadas moldam destinos, "Forjado com sangue" tece uma saga de honra e traição que começa com Tomaz, um habilidoso ferreiro transformado em cavaleiro. Forçado a enfrentar um dilema cruel ao ser ordenado a matar seu próprio irmão pelo rei, Tomaz vê-se catapultado para um turbilhão de intrigas palacianas e batalhas épicas.

Conforme o véu de segredos que envolve sua família se desenrola, Tomaz embarca em uma jornada para limpar seu nome e desvendar os mistérios que assombram Mirian. Em meio a crises políticas, alianças voláteis e reviravoltas inesperadas, ele descobre que sua busca pela verdade pode custar não apenas sua vida, mas também o futuro do reino.

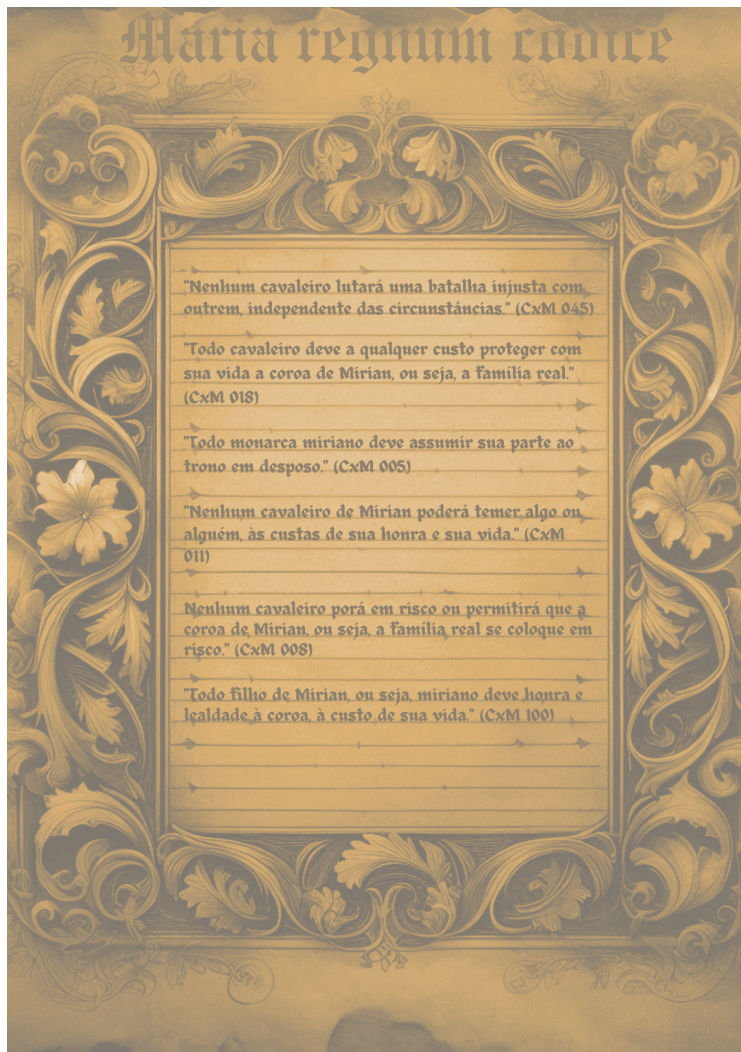
Com uma narrativa que entrelaça bravura e traição, esta história promete transportar o leitor para um mundo onde os laços de sangue são testados e as escolhas moldam o destino de nações. Prepare-se para uma jornada emocionante rumo a um reino onde a coragem é forjada no calor das batalhas e a justiça emerge entre os escombros da intriga.

Descubra como um simples ferreiro se transforma no guardião de um legado ancestral, enquanto Mirian oscila entre a esperança e a escuridão. Em cada página, a promessa de aventura e redenção aguarda, convidando-o a mergulhar em um épico que captura a essência da luta pela verdade e pelo perdão.



SUMÁRIO

A sentença real	10
Tomaz, o bravo	22
Sangue no trono	38
Visita não anunciada	52
O vermelho	64
Os filhos do ferreiro	74
Olhos de assassino	86
O Bigorna	102
Preço da indiferença	114
O grande retorno	126
Rei e ex-ferreiro	140



Trecho extraído do códice de Mirian (Copista: Lispector)

A sentença real



Era tarde de sábado, o sol seguia calmamente seu percurso no céu nublado e sereno. No campo de capim que dançava conforme o vento, um cavaleiro angustiado encostava na cerca que limitava o terreno real das montanhas a leste, sentindo a brisa como consolo.

—Tomaz! — chamou uma jovem de vestido longo e verde, aproximando-se enquanto amarrava os cabelos

com um lenço. — Me disseram que chegou há quase duas horas!

—Sim — respondeu ele sem se virar.

—Como assim "sim"?!

—Não tive coragem de entrar em casa.

A jovem se apavorou, olhando ao redor aflita, e saltou nas costas do homem, tapando-lhe a boca.

—Ficou maluco? Por que disse isso, quer morrer?

Tomaz virou-se lentamente, contemplando o rosto da jovem, sem responder, apenas esboçando um sorriso triste.

—O rei me ordenou matar Bruno.

A jovem desfez sua feição nervosa, mudando para uma de pavor e pânico.

—Co-Como assim? O que ele fez para sua majestade? — questionou ofegante. — Me diz que é mentira, que está só tentando me apavorar de novo...

Os dois ficaram por mais duas horas ali parados, encostados na cerca, olhando a paisagem. Bruno havia sido condenado por cometer um dos crimes mais terríveis contra a coroa: relacionar-se com a princesa Verônica. O rei descobriu e sentenciou o rapaz, encarregando Tomaz, recém-nomeado cavaleiro por sua bravura em batalha, de executar a sentença. Tomaz estava preparado para tudo, menos para a ordem de matar seu próprio irmão caçula.

Enquanto isso, junto à cachoeira nos limites da aldeia ao sul do reino, um casal apaixonado se

acariciava sobre as rochas banhadas pelo riacho da Cachoeira Choro da Virgem.

—Sua Alteza! — disse uma voz firme, assustando o casal com a quebra do som da cachoeira.

—Carlos! — olhou a jovem aflita para os três cavaleiros liderados por Carlos. — Quem... Como me acharam aqui?

—Sua Alteza, tenha a bondade de se afastar desse imundo. Eu mesmo irei matá-lo! — ameaçou um deles, retirando a espada. A jovem princesa se colocou na frente de seu amado e ordenou:

—Abaixe agora sua espada e devolva à bainha, cavaleiro!

O homem obedeceu e recuou. Bruno encarava ferozmente os três nobres.

—Você nos encara como cães, rapaz! — observou Carlos, espremendo os olhos. — Mal sabe você que, se não fosse sua alteza, já estaria morto!

—Eu os proíbo! Toda cavalaria da guarda real — exclamou Verônica, estendendo a mão em direção aos três. — Nenhum de vocês está autorizado a fazer qualquer mal a este homem ou contar ao meu pai sobre a gente!

Carlos olhou nos olhos da jovem e lamentou, mas assentiu que obedeceria à ordem da princesa.

—Por favor, sua Alteza, venha conosco — solicitou Carlos, estendendo a mão enquanto um de seus homens trazia seu cavalo para Verônica. — Fomos